

Langoni, Galvêas e Delfim: o "trio elétrico" na opinião do deputado do PDS.



Agora, Delfim não tem nem data para um acordo com o FMI.

Antes, o ministro falava em acordo em outubro. As coisas vão mal com o FMI?

Num indício de que as negociações entre o Brasil e o FMI podem estar mais complicadas do que admitem as autoridades econômicas, o ministro do Planejamento, Delfim Neto, reformulou ontem suas previsões sobre a data em que esse acordo deverá estar concluído. Durante sua viagem a Paris, ele havia dito que o acordo deveria ser aprovado em outubro. Ontem, entretanto, ao sair da reunião com a bancada do PDS, Delfim disse que não há nenhuma data previsível para a assinatura da carta de intenções que definirá o acordo negociado com o Fundo.

Além de negar que o documento esteja pronto para ser firmado dentro de uma semana, o ministro foi reticente em relação aos novos parâmetros ajustados com o FMI para 1984, não confirmando que a taxa de inflação negociada foi de 55% e que o déficit público em relação ao PIB deva ser igual a zero.

Delfim disse apenas que a renegociação global da dívida externa "caminha bem", estimando que até novembro próximo terão sido efetivados todos os acertos com o FMI, os bancos internacionais e o Clube de Paris.

Ele não deu importância às informações divulgadas no Exterior, e reproduzidas pela

imprensa brasileira, sobre um virtual fracasso das negociações com o Fundo. O ministro assegurou que todo o débito externo, incluindo os juros, terá seu pagamento reescalonado para um prazo de oito anos com 30 meses de carência.

"Casa de tolerância"

"Isto vai acabar muito pior do que uma casa de tolerância no fim da madrugada. Espancam as prostitutas e não pagam as cervejas. Isto vai acabar no cacete, porque eu nunca vi tantos roubarem tanto em tão pouco tempo." Essa afirmação foi feita ontem pelo deputado estadual Geraldo Menezes (PDS), ao analisar certos aspectos da conjuntura do País e renovar críticas aos ministros da área econômica, Delfim Neto, Galvêas e Langoni, que denominou de "trio elétrico".

O parlamentar condenou duramente a corrupção verificada no caso das polonetas, que considerou "a maior velhacaria internacional de que se tem notícia", assinalando de que, aos poucos, vai-se constatando que a coisa é pior ainda do que O Estado denunciou inicialmente. "Agora ficou mais do que comprovada a briga entre comadres que, como se diz no interior, descobre as verda-

des. O Banco Central tem uma centena de altos funcionários, um acusando o outro. Um ex-embaixador brigando com o Guerreiro, ministro das Relações Exteriores, e este dizendo que vai enquadrá-lo na LSN.

Por isso é que o deputado conclui que a coisa vai terminar pior do que uma casa de tolerância na madrugada.

Menezes mostra-se inconformado também diante da afirmação do presidente Figueiredo de que o ministro Delfim Neto não será afastado. "Pois que fique com ele. O que não é justo é que, para esta mesa farta das estatais e para as mordomias do avião de dez milhões de dólares para que o Banco do Brasil possa percorrer todas as agências encravadas em território pátrio, nós outros, do PDS, tenhamos que pagar um tributo que não queremos."

Há erros crassos no governo federal, disse ainda o deputado, e diante deles não se pode esperar uma vitória eleitoral. "Não são do ramo. É muito diferente da ordem unida. É muito diferente do 'meia volta, volver', é muito diferente do 'ordinário, marche' fazer política e os insensíveis e os empedernidos de Brasília não se explicam e ninguém consegue entender nada mesmo", arrematou.